



O VERDADEIRO CONHECIMENTO DE DEUS

Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR, e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado’, diz o SENHOR. (Jeremias 9.24)

Em 1Timóteo 6.20, 21 Paulo adverte Timóteo contra *os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber* (grego *gnosis*), *como falsamente lhe chamam, pois alguns, professando-o, se desviaram da fé*. Paulo está atacando as tendências teosófico-religiosas que evoluíram para o gnosticismo no segundo século de nossa era. Mestres dessas crenças e práticas aconselhavam os crentes a considerar seu compromisso cristão como que um confuso primeiro passo na estrada do “conhecimento”, e os incentivaram a tomar novos passos ao longo dessa estrada. Esses mestres, porém, tinham a ordem material como desprezível e o corpo como uma prisão para a alma, adotando a iluminação como a resposta completa à necessidade espiritual do homem. Negavam que o pecado fosse alguma parte do problema, e o “conhecimento” que ofereciam incluía somente palavras de encantamento, contrassenhas celestiais, disciplinas místicas e concentração extática. Eles reclassificaram Jesus como um mestre sobrenatural que parecia homem, embora não o fosse. A encarnação e a reconciliação eram negadas, e substituíram o convite de Cristo para uma vida de amor santificado por prescrições para o ascetismo ou permissão para a licenciosidade. As cartas de Paulo a Timóteo (1Tm 1.3, 4; 4.1-7; 6.20, 21; 2Tm 3.1-9); Judas (4, 8-19); Pedro (2Pe 2); e as duas primeiras cartas de João (1Jo 1.5-10; 2.9-11, 18, 19; 3.7-10; 4.1-6; 5.1-12; 2Jo 7-11) se contrapõem explicitamente às crenças e práticas que mais tarde emergiriam como gnosticismo.

Em contraste, A Escritura fala de “conhecer” Deus como o ideal espiritual pessoal, a saber, a plenitude de uma fé-relacionamento que traz salvação e vida eterna, e gera amor, esperança, obediência e gozo (ver, por exemplo, Êx 33.13; Jr 31.34; Hb 8.8-12; Dn 11.32; Jo 17.3; Gl 4.8, 9; Ef 1.17-19; Fp 3.8-11; 2Tm 1.12.) As dimensões desse conhecimento são intelectuais (conhecer a verdade acerca de Deus: Dt 7.9; Sl 100.3); volitivas (crer em Deus, obedecê-lo e adorá-lo em termos dessa verdade); e moral (praticar a justiça e o amor: Jr 22.16; 1Jo 4.7, 8). A fé-conhecimento focaliza o Deus encarnado, o homem Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e nós, pecadores, por meio de quem chegamos a conhecer seu Pai como nosso Pai (Jo 14.6). A fé procura conhecer Cristo e seu poder especificamente (Fp 3.8-14). O conhecimento da fé é o fruto da regeneração, a doação de um coração novo (Jr 24.7; 1Jo 5.20) e da iluminação pelo Espírito (2Co 4.6; Ef 1.17). O conhecimento-relacionamento é recíproco, implicando afeição pactual de ambos os lados: conhecemos Deus como nosso porque ele nos conhece como seus (Jo 10.14; Gl 4.9; 2Tm 2.19).

Toda a Escritura nos foi dada para nos ajudar a conhecer Deus desse modo. Trabalhemos para usá-la para seu propósito apropriado.

Teologia Concisa, J.I. Packer, Editora Cultura Cristã

REVELAÇÃO GERAL

A REALIDADE DE DEUS É CONHECIDA POR TODOS

Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. (Salmos 19.1)

O mundo de Deus não é um escudo que esconde o poder e a majestade do Criador. Pela ordem natural, é evidente que um potente e majestoso Criador lá está. Paulo escreve em Romanos 1.19-21, e em Atos 17.28 cita um poeta grego como testemunha, que os humanos são criados por Deus. Paulo afirma ainda que a bondade desse Criador é manifesta por meio de suas providências generosas (At 14.17; cf. Rm 2.4), e que ao menos algumas das exigências de sua santa lei são conhecidas de todas as consciências humanas (Rm 2.14-15), juntamente com a desconfortável certeza do julgamento final de retribuição (Rm 1.32). Essas certezas evidentes constituem o conteúdo da revelação geral.

A revelação geral é assim chamada porque todas as pessoas a recebem pelo simples fato de estarem vivas no mundo de Deus. Isto foi assim desde o início da história humana. Deus revela ativamente esses aspectos de si mesmo a todos os seres humanos, de forma que todos os casos de falha em render graças e servir ao Criador com justiça constituem pecado contra o conhecimento, e negações de ter recebido tal conhecimento não devem ser levadas a sério. A revelação universal de seu poder, seu merecimento de louvor e sua exigência moral é a base da acusação de Paulo a toda raça humana como pecadora e culpada perante Deus por falhar em servi-lo como deve (Rm 1.18–3.19).

Deus agora suplementa sua revelação geral com a revelação adicional de si mesmo como Salvador dos pecadores, por meio de Jesus Cristo. Essa revelação, ocorrida na história, incorporada na Escritura e abrindo a porta da salvação aos perdidos, é geralmente chamada revelação especial ou específica. Ela inclui a declaração verbal explícita de tudo o que a revelação geral nos fala a respeito de Deus e nos ensina a reconhecer essa revelação na ordem natural, nos eventos da história e na criação dos seres humanos, de sorte que aprendemos a ver o mundo inteiro, na frase de Calvino, como um teatro da glória de Deus.

Teologia Concisa, J.I. Packer, Editora Cultura Cristã



A REVELAÇÃO ESPECIAL E A BÍBLIA

Quando foi tentado por Satanás no deserto, Jesus o repreendeu com as palavras: “Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Historicamente, a igreja tem feito ecoar o ensino de Jesus, afirmando que a Bíblia é a *vox Dei*, a “voz de Deus”, ou o *verbum Dei*, a “Palavra de Deus”. Chamar a Bíblia de “a Palavra de Deus” não significa sugerir que ela foi escrita pela própria mão de Deus, ou que caiu do céu num paraquedas. A própria Bíblia claramente chama a atenção para seus muitos autores humanos. Se a estudarmos cuidadosamente, perceberemos que cada autor humano tem seu próprio estilo literário peculiar, seu próprio vocabulário, ênfase especial, perspectiva e outros aspectos. Já que a produção da Bíblia envolveu esforço humano, como pode ser ela considerada Palavra de Deus?

A Bíblia é chamada de Palavra de Deus por causa da sua reivindicação, crida pela igreja, de que os escritores humanos não escreveram simplesmente suas próprias opiniões, mas que suas palavras foram inspiradas por Deus. O apóstolo Paulo escreve: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3.16). A palavra *inspiração* é uma tradução da palavra grega que significa “sopro de Deus”. Quer dizer, Deus soprou a Bíblia. Assim como temos de expelir ar de nossa boca quando falamos, assim, em última análise, a Bíblia é Deus falando.

Embora a Bíblia tenha chegado a nós por intermédio das mãos de autores humanos, a fonte *suprema* das Escrituras é Deus. Por isso os profetas podiam prefaciar suas palavras, dizendo: “Assim diz o Senhor”. Por isso Jesus também podia dizer: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17.17) e “a Escritura não pode falhar” (Jo 10.35).

A palavra *inspiração* também chama a atenção para o processo pelo qual o Espírito Santo *superintendeu* a produção da Bíblia. O Espírito guiou os autores humanos para que as palavras deles não fossem nada menos que a Palavra de Deus. Não sabemos como o Senhor superintendeu a redação original da Bíblia. Inspiração, entretanto, não significa que Deus ditou sua mensagem para aqueles que redigiram a Bíblia. Ao invés disso, o Espírito Santo comunicou as exatas palavras de Deus por intermédio dos escritores humanos.

Os cristãos afirmam a infalibilidade e a inerrância da Bíblia porque, em última análise, Deus é o seu autor. E porque Deus é incapaz de inspirar algo falso, sua palavra é totalmente verdadeira e digna de toda confiança. Qualquer literatura humana, elaborada pelos meios normais, está sujeita a erros. A Bíblia, porém, não é um projeto humano normal. Se a Bíblia foi inspirada por Deus e sua redação foi supervisionada por ele, então não pode ter erros.

Isso não significa que as traduções da Bíblia que temos hoje estejam isentas de erro, mas que os manuscritos originais eram absolutamente corretos. Isso também não significa que cada declaração da Bíblia seja a expressão da verdade. O escritor do Livro de Eclesiastes, por exemplo, declara que “no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Ec 9.10). O escritor estava falando do ponto de vista do desespero humano, e sabemos que esta declaração não expressa a verdade, de acordo com outros textos bíblicos. A Bíblia expressa a verdade até mesmo ao revelar a falsa argumentação de um homem desesperado.

Verdades essenciais da fé cristã, 1º Caderno, R.C. Sproul, Editora Cultura Cristã

REVISTA TERRITÓRIO TEEN – O GRANDE EU SOU

Apoio didático – Lição 5

Houve tempo, se é que se lhe pode chamar “tempo”, em que Deus, na unidade de sua natureza, habitava só (embora subsistindo igualmente em três pessoas divinas). “No princípio... Deus...”. Não existia o céu, onde agora se manifesta particularmente a sua glória. Não existia a terra, que lhe ocupasse a atenção. Não existiam os anjos, que lhe entoassem louvores, nem o universo, para ser sustentado pela palavra do seu poder. Não havia nada, nem ninguém, senão Deus; e isso, não durante um dia, um ano ou uma época, mas “desde sempre”.

Durante uma eternidade passada, Deus esteve só – completo, suficiente, satisfeito em si mesmo, de nada necessitando. Se um universo, ou anjos, ou seres humanos lhe fossem necessários de algum modo, teriam sido chamados à existência desde toda a eternidade. Ao serem criados, nada acrescentaram a Deus essencialmente. Ele não muda (Ml 3.6), pelo que, essencialmente, a sua glória não pode ser aumentada nem diminuída. Deus não estava sob coação, nem obrigação, nem necessidade alguma de criar. Resolver fazê-lo foi um ato puramente soberano de sua parte, não produzido por nada alheio a si próprio; não determinado por nada, senão o seu próprio beneplácito, já que ele “faz todas as coisas, conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). O fato de criar foi simplesmente para a manifestação da sua glória.

Os atributos de Deus, A. W. Pink, Publicações Evangélicas Seleccionadas.



APARENTES MUDANÇAS EM DEUS

A despeito de não haver nenhuma mudança na sua natureza, nos seus atributos, nos seus decretos e nas suas promessas, não podemos dizer que Deus é inamovível em tudo o que faz. Deus tem movimentos no seu ser e no seu modo de agir, que não o tornam um ser estático. Deus muda de atitude quando as suas promessas, por exemplo, são condicionadas à obediência dos seres humanos.

Portanto, se quisermos dar uma definição ainda melhor da imutabilidade de Deus, teremos que dividi-la em duas partes, como fez Grudem: “Deus é imutável em seu ser, suas perfeições, seus propósitos e suas promessas; *todavia*, Deus age, e ele o faz de modo diferente em resposta a diferentes situações”.² Essa segunda parte da definição diz respeito às aparentes mudanças que as Escrituras atribuem a Deus e nos guarda contra a noção da imobilidade em Deus.

Analisemos agora algumas mudanças aparentes no ser de Deus, que devem ser devidamente entendidas para que não tornemos Deus parecido com os seres criados, isto é, mutável.

1. Mudanças de atitude em Deus

As Escrituras mostram as muitas vezes em que Deus muda de atitude para com o homem. Essas mudanças estão relacionadas com as suas bênçãos ou maldições condicionais.

O salmo 78 é um exemplo típico dessas mudanças em Deus. Deus muda de atitude no seu relacionamento com os seres humanos dependendo da atitude que eles têm para com seus mandamentos. Então, Deus age de acordo com os padrões e exigências de sua natureza moral. Foi esse o caso do rei Ezequias (Is 38.1-8). Deus não alterou os seus planos quanto à duração da vida do rei, mas simplesmente afirmou que ele morreria de uma doença mortal, se não houvesse uma intervenção divina. Quando o rei se arrependeu dos seus pecados e suplicou pela misericórdia divina, Deus ouviu as suas orações e lhe deu a sobrevida. Essa sobrevida de quinze anos estava nos planos de Deus, que também incluem o arrependimento dos seus filhos. Portanto, seria tolice pensar em Deus como alterando os seus decretos por causa da atitude dos homens. Deus se move de acordo com os planos que ele próprio estabeleceu, que incluem as bênçãos condicionais.

Quando a condição moral dos homens muda, ou seja, quando os homens se arrependem do mal praticado, Deus também muda de atitude para com eles, sendo-lhes misericordioso. Essa mudança de atitude em Deus de modo algum indica que ele mudou qualquer coisa em sua natureza ou em seus atributos ou promessas.

Deus muda da ira para a misericórdia, da maldição para a bênção, da rejeição para a aceitação. Essa atitude relacional de Deus não provoca nele nenhuma melhora ou piora. Ele apenas age de acordo com a sua natureza. Uma hora ele age de acordo com o seu amor, outra hora de acordo com a sua justiça, sua soberania, etc. Foi assim que aconteceu com o rei Ezequias e acontece com todos nós que estamos debaixo das suas bênçãos condicionais.

2. O arrependimento de Deus

Em várias passagens das Escrituras é dito que “Deus se arrependeu”, como em Gênesis 6.5-6; Êxodo 32.10-14; Jeremias 18.8,10; 26.13; Jonas 3.9-10,42; Amós 7.1-3.

Algumas dessas passagens dizem respeito a uma mudança da atitude de Deus estudada acima, mas há outras que parecem indicar uma mudança mais séria em Deus, que merecem uma análise mais detalhada.

Em Teologia, esse fenômeno de Deus se “arrepender” é explicado como sendo um *antropopatismo*, isto é, a atribuição de um “sentimento humano” a Deus.

Todavia, há certos “sentimentos” de Deus que são próprios apenas dele, e não das criaturas. Os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus usando palavras que expressam um sentimento unicamente humano. Essas palavras humanas, mesmo que inspiradas, permanecem humanas, e não são suficientes para explicar o que a divindade sentiu quando é dito que ele “se arrependeu”.

Uma outra verdade a respeito desta questão, que está muito clara em várias passagens das Escrituras, é que o arrependimento de Deus não tem o mesmo sentido que o arrependimento sentido pelos homens. Veremos a comprovação dessa verdade nos versículos que estudaremos a seguir.

De um lado, Deus não sente o “arrependimento” que o ser humano sente. Deus não é homem para se arrepender. É óbvio que o “arrependimento”, que indica erro, falta de planejamento, impotência, etc., não pode ser atribuído a Deus. Essas coisas são próprias de seres criados, pecadores. O escritor bíblico contrasta o homem finito e pecador com o Deus eterno e imutável: “Deus não é homem, para que minta; *nem filho do homem, para que se arrependa*. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? ou tendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23.19).

Isso quer dizer que Deus não possui o que é próprio do ser humano. Deus não planeja mal; Deus não erra nos seus objetivos, e o seu conhecimento de tudo o que existe não pode aumentar nem diminuir. No mínimo, o arrependimento de Deus não é igual ao dos seres humanos na sua essência. Nele está a verdade imutável e ele não age como agem os homens, arrependendo-se, isto é, mudando os seus planos ou as suas promessas por causa da sua impotência ou em consequência de um plano malfeito, ou ainda voltando atrás dos seus pecados. “O Senhor jurou e *não se arrependerá*; tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4).

Por outro lado, o arrependimento que é próprio de Deus não é encontrado no homem. O arrependimento de Deus é exclusivo dele. É impossível para o homem possuir o que é próprio apenas de Deus. No entanto, a expressão hebraica usada é a mesma. Uma das evidências mais fortes de que o arrependimento de Deus não é igual ao dos seres humanos é encontrada em 1Samuel 15.11, que deve ser comparado com 1Samuel 15.29. Num mesmo capítulo é dito que Deus se arrepende e também que ele não se arrepende. Como podemos entender isso? No versículo 11, o escritor está se referindo ao arrependimento de Deus; no versículo 29, ele se refere ao arrependimento dos homens. Observe que a palavra hebraica é a mesma nos dois casos, mas o sentido não. Podemos saber com clareza qual é o tipo de arrependimento que os seres humanos sentem, mas não temos condições de saber como é o arrependimento em Deus. Certamente, os dois não são da mesma natureza.

Portanto, esse arrependimento, que não é coisa de homem, nós não sabemos exatamente o que possa ser. Se fosse possível ao homem saber sobre esse arrependimento, os escritores bíblicos teriam sido mais específicos. As Escrituras não têm uma palavra apropriada para o “arrependimento de Deus” porque nenhum ser humano conhece ou pode expressar esse sentimento, uma vez que ele pertence exclusivamente a Deus. Então, os escritores sacros tentaram expressar um sentimento que é próprio de Deus com uma palavra que expressa um sentimento próprio de homens. Daí o nome técnico *antropopatismo*, ao qual já nos referimos.

Essas aparentes mudanças ou “arrependimentos” em Deus não indicam que Deus altera alguma coisa em seu ser, seus propósitos, seus atributos ou suas promessas.

O Ser de Deus e os seus atributos, Heber Carlos de Campos Editora Cultura Cristã

A INFINITUDE DE DEUS

Deus é infinito. Quando fazemos essa afirmação estamos dizendo que Deus não é sujeito a limitações. Os seres humanos são limitados pelo tempo e pelo espaço, mas isso não acontece com Deus, pois ele é infinito. Sua infinitude em relação ao tempo é chamada de *eternidade*, e em relação ao espaço, é chamada de *onipresença*.

Deus é eterno. A eternidade de Deus é um dos atributos divinos mais difíceis de serem compreendidos. Estamos tão presos à categoria do tempo que não podemos escapar da noção de passado, presente e futuro. No entanto, por ser infinito, Deus não está sujeito à noção temporal. Para Deus, não existe passado, presente e futuro. No entanto, *nós* só conseguimos pensar em termos de tempo e espaço. É por isso que a Escritura, quando fala na eternidade de Deus, usa imagens temporais. Neste ponto pode-se perceber a acomodação de Deus em sua revelação. Moisés, por exemplo, diz: *“Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus”* (Sl 90.2). *Os seres humanos estão em constante mudança, no decorrer dos anos. Deus, ao contrário, é o mesmo de geração a geração* (Sl 90.1). Deus não é afetado pelo tempo. *“Mil anos, aos seus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite”* (Sl 90.3, 4). Deus, portanto, é eterno. Foi ele quem criou o tempo, e, portanto, está fora dele.

Deus é onipresente. Deus não é limitado pelo espaço. Ele está em toda parte. À capacidade divina de estar em toda parte ao mesmo tempo damos o nome de *onipresença*. Falando sobre a onipresença de Deus, o salmista diz: *“Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá”*. (Sl 139-7-10). Portanto, Deus é onipresente. Isso significa que ele está em cada parte do universo ao mesmo tempo. É importante lembrar que, embora ocupe todo o universo, Deus não é o universo. Ele é o Criador do universo, e, portanto, completamente distinto dele. Também devemos observar que Deus *não está contido no universo*. Ele também não está espalhado pelo universo, como se sua cabeça estivesse em uma parte dele e seus pés estivessem em outro lugar. Deus está presente em todo o universo com todo o seu ser. Esse é o sentido da onipresença de Deus.

A onipresença de Deus é conforto para os crentes em suas tentações e angústias. O fato de sabermos que Deus está presente conosco, onde quer que estejamos nos dá a certeza de que estamos protegidos. Assim como Jesus, podemos ter a certeza de que Deus está conosco (Jo 16.32). Ela também nos conforta em nossas angústias, pois a certeza da presença de Deus, nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na tribulação (Sl 46.1), nos anima e fortalece.

Revista *Palavra Viva*, 3º tri 2008, Editora Cultura Cristã

O CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso criador do céu e da terra.

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está assentado à mão direita de Deus Pai Todo-poderoso, de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na santa Igreja universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

Credo é como se diz, em latim, Creio. No Credo Apostólico podemos encontrar os fundamentos da nossa fé. Por meio de cláusulas com riqueza de significado bíblico-teológico vemos, com clareza, o resumo daquilo em que cremos como verdade bíblica. A origem primeira dos credos foram as declarações dos apóstolos sobre quem é Deus ou quem é Cristo. Schaff diz que “em um certo sentido pode ser dito que a Igreja Cristã nunca existiu sem um credo”. Afirmações como “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”, “nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus”, e “creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” foram desenvolvendo-se até se tornar credos batismais e, posteriormente, credos ecumênicos. Ao contrário dos outros credos, o Credo dos Apóstolos não teve a sua formação em um concílio eclesiástico. Ele se desenvolveu gradualmente entre 200 a 750 d.C., aproximadamente. Com o decorrer dos anos, cláusulas foram sendo acrescentadas ao Antigo Credo Romano, até formar-se o que nós chamamos hoje de Credo dos Apóstolos. Como é evidente, a estrutura do Credo Apostólico é trinitária. O Credo não é uma reza, como alguns têm a impressão, mas é uma declaração de fé. Em tempos antigos, o credo era incluído no culto para que a igreja declarasse no que cria.



SANTIDADE E JUSTIÇA

O fato de Deus haver-nos redimido não nos surpreende. Bem lá no fundo, acreditamos que ele nos deve sua misericórdia. Achamos que o céu não seria o mesmo se fôssemos excluídos dele. Sabemos que somos pecadores, mas não nos consideramos tão maus assim. Na nossa opinião, se Deus for realmente justo dará a todos nós a salvação porque, afinal de contas, temos muitas características que nos tornam merecedores dela. O que nos impressiona é a justiça; não a graça.

Percebi essa nossa tendência de não reconhecer a graça quando lecionava para estudantes universitários. Minha função era ministrar o curso do primeiro ano do Antigo Testamento para 250 estudantes de uma universidade cristã. No primeiro dia de aula, dei instruções claras sobre as tarefas que deveriam cumprir. Por causa de experiência anterior, sabia que era necessário explicar minuciosamente os exames escritos. O programa do curso previa três dissertações. Informei aos estudantes que a primeira deveria estar na minha mesa no máximo até 30 de setembro, ao meio-dia. Não haveria prorrogação, exceto para aqueles que estivessem internados em um hospital ou em caso de luto na família. Se não entregassem o trabalho na data marcada, receberiam um **F** (a pontuação mais baixa possível). Todos disseram que haviam entendido as exigências.

No último dia de setembro, 225 alunos entregaram obedientemente suas dissertações. Os 25 restantes, mostrando-se temerosos e cheios de remorso, disseram: “Ah!, prof. Sproul. Desculpe-nos. Não administramos bem o tempo. Ainda não nos acostumamos ao ritmo da universidade. Por favor, não nos dê um **F**. Por favor, dê-nos uma segunda chance”.

Curvei-me aos pedidos de misericórdia. Eu disse: “Está bem, vou dar-lhes mais uma chance desta vez. Mas lembrem-se, a próxima tarefa é para o dia 31 de outubro”.

Os alunos ficaram muito agradecidos e prometeram solenemente não se atrasar com a próxima tarefa. Então chegou o dia 31 de outubro. Duzentos estudantes trouxeram suas dissertações, e cinquenta vieram de mãos vazias. Estavam nervosos, mas não em pânico. Quando perguntei sobre seus trabalhos, novamente ficaram contritos. “Ah!, professor. Foi a semana dos jogos universitários. Além disso, é época de provas, e precisamos entregar também as tarefas de todas as outras matérias. Por favor, dê-nos mais uma chance. Prometemos que isso não acontecerá mais.”

Novamente me compadeci e disse: “Está bem, mas esta é a última vez. Se vocês atrasarem com a próxima tarefa, será um **F**. Sem desculpas, sem choradeira. **F**. Está claro?”.

“Claro, professor. Você é super legal.” Espontaneamente, começaram a cantar: “Te amamos, prof. Sproul. Nós te amamos”. Eu me tornara o “Sr. Popularidade”.

Mas sabem o que aconteceu na data marcada para a entrega da última dissertação em novembro? Isso mesmo. Cento e cinquenta alunos trouxeram seus trabalhos. Os outros cem entraram na sala completamente despreocupados. “Onde estão suas dissertações?” Perguntei.

Um estudante respondeu: “não se preocupe, pro, estamos trabalhando nela. Estará pronta em alguns dias, sem problema”.

Peguei meu letal diário de classe e comecei a anotar os nomes. “Johnson! Trouxe sua dissertação?”

“Não senhor”, veio a resposta.

“**F**”, disse eu, enquanto escrevia a nota. “Muldaney! Trouxe sua dissertação?”

Novamente a resposta foi: “não senhor”. Marquei outro **F** no livro.

Os estudantes reagiram com fúria. Começaram a gritar em protesto: “Isso não é justo!”.

Olhei para um dos estudantes que gritava e perguntei: “Lavery! Você acha que não é justo?”.

“Eu acho”, resmungou em resposta.

“Está bem. É justiça que você quer? Se não me engano, você se atrasou na entrega do seu trabalho no mês passado. Se insistir em justiça, certamente a receberá. Não só lhe darei um **F** neste trabalho, como mudarei sua última nota para o **F** que tão bem merecia.”

O aluno ficou estupefato. Não teve mais argumentos. Desculpou-se por haver sido tão precipitado e subitamente ficou feliz por receber só um **F**, em vez de dois.

Aqueles alunos haviam rapidamente assumido a ideia de que poderiam contar sempre com minha misericórdia. Quando subitamente a justiça desceu sobre eles, não estavam preparados. Veio como um

choque, e eles ficaram furiosos. E isso, depois de apenas duas doses de misericórdia no espaço de dois meses.

Deus normalmente revela muito mais misericórdia do que a que demonstrei àqueles estudantes. A história do Antigo Testamento abrange centenas de anos. Durante todo esse tempo, Deus mostrou misericórdia repetidas vezes. Quando sua justiça se manifestou sobre Nadabe, Abiú e Uzá, a reação foi de choque e indignação. Chegamos a um ponto em que concluímos que Deus sempre se mostrará misericordioso. Daí em diante, o passo seguinte é fácil: passamos a exigir que ele aja de acordo com as nossas expectativas. Quando isso não acontece, logo ficamos irados e protestamos: “Isso não é justo”. Esquecemos rapidamente que, com nosso primeiro pecado, perdemos todos os direitos ao dom da vida. Só o fato de estarmos respirando já é resultado da misericórdia divina. Deus não me deve nada. Eu devo tudo a ele. Se ele permitir que uma torre caia na minha cabeça esta tarde, não posso dizer que é injustiça.

Um dos nossos problemas básicos é a confusão entre justiça e misericórdia. Vivemos em um mundo cheio de injustiças. Cada um de nós, alguma vez, já foi vítima de injustiça por parte de alguém. Todos nós, alguma vez, cometemos injustiça contra outros. As pessoas se tratam de forma injusta. Uma coisa é certa: não importa quanta injustiça eu tenha sofrido nas mãos de homens, nunca sofri a menor injustiça por parte de Deus.

Suponhamos que alguém me acuse falsamente de haver roubado dinheiro. Essa pessoa me processa e eu sou preso. Nesse caso, estou sendo vítima de uma injustiça brutal. Tenho todo o direito de queixar-me de estar sendo perseguido sem motivo e de clamar a Deus, pedindo uma vingança. Deus fica irado com aqueles que me colocaram injustamente na prisão e promete vingar-me. A injustiça é real e ocorre diariamente neste mundo.

As injustiças que sofremos são todas de um tipo *horizontal*. Elas ocorrem entre agentes deste mundo. Contudo, acima e além de nós está o grande Juiz de todos. Meu relacionamento com ele é vertical e nunca sofro injustiças. Embora as pessoas possam maltratar-me, Deus nunca me maltrata. E ele tem todo o direito de permitir que seres humanos me tratem injustamente. Posso queixar-me a Deus sobre a injustiça horizontal humana que sofri. Entretanto, não posso levantar-me e acusá-lo de haver cometido uma injustiça vertical ao permitir que eu sofresse a injustiça humana. Deus estaria agindo com total justiça se permitisse que eu passasse o restante da vida na prisão por um crime que não cometi. Posso ser inocente diante dos homens, mas sou culpado diante dele.

Frequentemente culpamos a Deus pelas injustiças cometidas contra nós e alimentamos em nossas almas o sentimento amargo de que ele não foi justo para conosco. Mesmo se reconhecemos que ele é gracioso, pensamos que não foi o suficiente. Achamos que merecemos mais graça.

Por favor, leia a última frase novamente: *Achamos que merecemos mais graça*. O que há de errado nela? Gramaticalmente está perfeita. No entanto, há algo extremamente errado no conteúdo, no significado da frase.

É impossível que alguém, em qualquer lugar, em qualquer hora, *mereça* graça. A graça, por definição, não é merecida. Se dissermos que merecemos algo, não estamos mais falando de graça, mas de justiça. Somente a justiça pode ser merecida. Deus nunca é obrigado a ser misericordioso. Misericórdia e graça devem ser voluntárias ou deixam de ser misericórdia e graça. Deus nunca “deve” graça. Ele nos lembra mais de uma vez: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Êx 33.19). Esta é a prerrogativa divina. Deus reserva a si mesmo o direito supremo de ser clemente.

Suponha que dez pessoas cometam o mesmo pecado, e que Deus castigue cinco delas e seja misericordioso com as outras cinco. Isso é injustiça? Não! Nessa situação, cinco recebem justiça, e as outras cinco, misericórdia. Ninguém recebe injustiça. O que tendemos a pensar é o seguinte: se Deus é misericordioso com cinco, tem de mostrar a mesma misericórdia às outras cinco. Por quê? Ele nunca é obrigado a ser misericordioso. Se ele manifestar misericórdia a nove das dez pessoas, a décima não pode se queixar de ser vítima de injustiça. Deus nunca deve graça. Ele não é obrigado a tratar todas as pessoas igualmente. Talvez eu deva dizer isso novamente. *Deus nunca é obrigado a tratar todas as pessoas igualmente*. Se ele fosse injusto conosco, teríamos razão para nos queixar. Mas a manifestação da sua misericórdia na vida do meu próximo não me dá nenhum direito de reclamá-la também para mim. Novamente devemos nos lembrar de que a misericórdia é sempre voluntária. “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia.”

Deus sempre nos trata com justiça ou misericórdia; nunca com injustiça. Podemos pedir a ele que nos ajude a alcançar justiça diante dos homens, mas seria uma grande tolice pedir a justiça dele. Costumo advertir meus alunos: “Nunca peça justiça a Deus – porque talvez você a receba”.

É a confusão entre justiça e misericórdia que nos deixa horrorizados quando lemos as histórias de Nadabe, Abiú e Uzá. Quando a justiça de Deus se manifesta, ficamos ofendidos porque achamos que ele nos

deve misericórdia perpétua. Não devemos deixar de dar valor à graça de Deus. Não podemos nunca perder a capacidade de nos maravilharmos diante da graça. Cantamos o hino “Amazing Justice”¹; sua letra é a seguinte:

Estranha justiça, cruel e severa,
Que fere um santo como eu.
Eu sou tão bom, não faz sentido –
A torre caiu sobre mim!

Lembro-me de uma ocasião em que estava apresentando um “sermão de prática” na aula de pregação no seminário. Estava exaltando as maravilhas da graça de Deus. De acordo com a letra do hino, eu falava da “Graça de Deus, graça infinita”.

No final do meu sermão, o professor fez uma pergunta. “Sr. Sproul”, disse ele, “onde achou essa ideia de que a graça de Deus é infinita? Não existe nenhum limite para ela?” Assim que ele fez aquela pergunta, percebi que estava em apuros. Poderia citar os versos do hino no qual me havia inspirado, mas não conseguia lembrar uma única palavra das Escrituras que ensinasse que a graça de Deus é infinita.

A razão pela qual eu não conseguia achar um texto bíblico que sustentasse aquele ponto de vista é que não há nenhum. A graça de Deus não é infinita. Ele é infinito e gracioso. Experimentamos a graça de um Deus infinito, mas a graça não é infinita. Deus estabelece limites para sua paciência. Ele nos adverte várias vezes que um dia o machado cairá e seu julgamento será derramado.

Temos a tendência de não dar o devido valor à graça. Acredito que por isso Deus achou necessário, de tempos em tempos, lembrar os israelitas de que não deveriam esperar que a teriam sempre que quisessem. Em ocasiões dramáticas, porém raras, ele mostrou o poder terrível da sua justiça. Matou Nadabe e Abiú. Matou Uzá. Ordenou o extermínio dos cananeus. É como se estivesse dizendo: “Cuidado. Enquanto vocês desfrutaram dos benefícios da minha graça, não se esqueçam da minha justiça nem da gravidade do pecado. Lembrem-se de que eu sou santo”.

A Santidade de Deus, de R. C. Sproul, Editora Cultura Cristã

¹ Uma paródia de “Amazing Grace” (nº 166 do hinário *Seja Louvado*).



VOCÊ SABE SEGUIR INSTRUÇÕES?

Leia tudo antes de fazer qualquer coisa, mas trabalhe o mais rapidamente que puder.

1. Coloque seu nome completo no canto superior direito da folha.
2. Passe um círculo em volta da palavra nome no item 1.
3. Agora circule o título deste exercício.
4. Escreva o nome da cidade em que você nasceu: _____.
5. Faça três quadrados na margem superior esquerda da folha.
6. Agora que você chegou até aqui, diga o seu nome em voz alta.
7. Levante-se e conte de 10 a 1 silenciosamente.
8. Conte quantas pessoas há na turma e escreva: _____.
9. Se você fez tudo que foi solicitado, levante a mão esquerda e diga em voz alta: Sim!

Agora que você leu todas as instruções, cuidadosamente, faça somente o que foi solicitado nos itens 1(um) e 4(quatro). Ignore todas as outras instruções, mas, por favor, não faça comentários e faça de conta que continua escrevendo.

VOCÊ SABE SEGUIR INSTRUÇÕES?

Leia tudo antes de fazer qualquer coisa, mas trabalhe o mais rapidamente que puder.

1. Coloque seu nome completo no canto superior direito da folha.
2. Passe um círculo em volta da palavra nome no item 1.
3. Agora circule o título deste exercício.
4. Escreva o nome da cidade em que você nasceu: _____.
5. Faça três quadrados na margem superior esquerda da folha.
6. Agora que você chegou até aqui, diga o seu nome em voz alta.
7. Levante-se e conte de 10 a 1 silenciosamente.
8. Conte quantas pessoas há na turma e escreva: _____.
9. Se você fez tudo que foi solicitado, levante a mão esquerda e diga em voz alta: Sim!

Agora que você leu todas as instruções, cuidadosamente, faça somente o que foi solicitado nos itens 1(um) e 4(quatro). Ignore todas as outras instruções, mas, por favor, não faça comentários e faça de conta que continua escrevendo.